

Portugal. Outros, que nasceram no estrangeiro e para os quais o português é apenas língua das relações familiares, aprendida em casa, a nação do(s) progenitor(es) não é necessariamente uma referência, apenas um espaço oximórico entre o paraíso (a terra das férias na infância) e o inferno (cinzento e sem perspectivas, que obrigou os pais a migrarem). O país não objetivamente real, delineado por estes autores, sentencia o fim do “mito do retorno”, como Eduardo Lourenço já indicava no seu *Labirinto da saudade* há mais de vinte anos. De qualquer forma, emigrados, (auto)exilados ou nascidos no estrangeiro poderão sempre idealizar o regresso a um Portugal fantasmático, ideal, mítico, quando estiverem cansados dos processos de assimilação das culturas dominantes com que têm de lidar. O termo “híbrido” (p. 215) acompanha a análise dos autores dessas gerações criadas fora do país e da sua produção literária que, sempre para Ana Paula Coutinho Mendes, ainda não demonstrou pujança para se erigir numa categoria literária, a da “Literatura luso-descendente”.

Todos os estudos apresentados indicam uma bibliografia que ostenta um aparato crítico de qualidade, apesar de sempre filtrado pela cultura anglo-saxónica. De facto, tendo em conta o ano de edição, *Lentes bifocais* já pertence ao cânone da crítica por ter colmatado um vazio com respeito ao tema tratado. A visão polarizada do artefacto ótico frankliniano é ao mesmo tempo

coerente e contemporânea, o que permite a melhor fruição e compreensão do fenómeno da diáspora lusa.

Alberto Sismondini

**GARCÍA LORCA E MANUEL DA FONSECA:
DOIS POETAS EM CONFRONTO**

MANUEL SIMÕES

Lisboa, Assírio & Alvim, 2011

133 páginas, ISBN 9789723716047

Encontramo-nos perante uma obra com pretensões claramente comparatistas. García Lorca e Fonseca são colocados em confronto, não para procurar diferenças, similitudes ou possíveis influências, mas para “interpretar criticamente o resultado dessa experiência” (p. 7). O estudo apresenta seis blocos de interesse, ordenados logicamente. O primeiro trata da visão histórica que relaciona as duas literaturas, baseada na influência da literatura espanhola na literatura portuguesa de uma maneira geral. Com argumentos possivelmente já conhecidos, Simões salienta a comunhão literária entre os dois países numa viagem que começa nos séculos XIV e XV, faz uma paragem em Gil Vicente ou em Camões, no *El diablo cojuelo*, do século XVII, e nos jornais do XIX, até que, nos começos do século XX, “a influência de Espanha se vai diluindo”, com a exceção do “donjuanismo” e do “quixotismo”, o primeiro pela mão de Teófilo Braga, de Guerra Junqueiro ou mesmo de Eça de Queirós, e o segundo,

desde o século XVIII, na narrativa, na poesia parnasiana e no teatro. Manuel Simões ainda recolhe os pontos fundamentais do iberismo de Maragall, Unamuno, Sinibaldo de Mas, e também Oliveira Martins e Jaime Cortesão, nascidos do liberalismo português. O impacto da Guerra Civil Espanhola nos escritores neorrealistas portugueses conduz ao ponto de confluência dos dois escritores em confronto.

O segundo bloco, cujo tema é a poesia lorquiana, faz com que a figura lendária do poeta se considere como a influência decisiva da renovação poética portuguesa. As primeiras referências ao poeta granadino aparecem em *O Diabo*, publicação que dá notícia da sua morte, e posteriormente no *Sol Nascente*, revista que contribuiu para a divulgação da sua obra nos anos 1938-1940. Se Lorca influiu na literatura portuguesa foi, nomeadamente na poesia neorrealista, de modo subtil em Armindo Rodrigues e direto no caso de Joaquim Namorado.

Manuel da Fonseca nasce treze anos depois de Lorca, em Santiago do Cacém, no Baixo Alentejo, publicando *Planície* em 1941, um dos seus poemários mais importantes e mais influenciados por Lorca. Trata-se de um poeta neorrealista, social, de impacto enorme sobre o público português.

Como numa análise clássica, Manuel Simões divide as relações entre os dois escritores em temas e linguagem, em questões de estilo e de conteúdo. Nesta quarta secção estabelece, em primeiro

lugar, uma pormenorizada relação das correlações lexicais baseada na contagem dos termos nos dois poetas. As áreas semânticas mais estudadas e as palavras com mais ocorrências apresentam-se em quadros explicativos. Esses termos transformar-se-ão em palavras-chave, disseminadas por toda a obra dos poetas, com significados parecidos.

Os campos semânticos referenciados por Manuel Simões são, de facto, sete, à partida muito mais estudados em García Lorca. O cromatismo não é muito intenso e dominam o verde, o preto e o branco. Os elementos do corpo predominantes são aqueles que pertencem ao corpo feminino, como “olhos, cabelos, seios ou peitos”. A terceira área, a matéria, refere-se aos elementos arquitetónicos e naturais. De entre os últimos, encontram-se a água, o vento, o sol e a lua, que apresentam vários simbolismos: a água como elemento plástico, apaziguador, purificador; o sol como forma de vida, de força; o vento como atividade e humanização; a lua como elemento positivo e plástico. Relativamente à fauna, nota-se um grande desajustamento entre os dois autores, porque o “caballo” é o grande protagonista lorquiano, enquanto há uma quase total falta de alusões à fauna em Fonseca. A flora expõe uma situação similar, com flores e plantas, de origem também andaluza, para Lorca, e mais quotidiana para o poeta português. Restam ainda dois elementos linguísticos comuns: os números, que obedecem a um processo poético ligado ao concreto, à intensi-

dade expressiva da metáfora e à carga simbólica, e os nomes, utilizados para conferir um clima de autenticidade. Contudo, Manuel Simões conclui que os dois autores manifestam uma diferente visão do mundo.

Quanto aos conteúdos temáticos, ambos testemunham o amor à terra, Andaluzia e Alentejo, e às suas gentes. É por isso que o “gitano” e o “maltês”, ícones do homem perseguido, participam da obra como seres desvinculados das leis morais e da sociedade. Também na mulher ocorre um paralelismo óbvio: postas na solidão, à noite, na varanda — como símbolo de evasão — e reprimidas sexualmente. A consideração da mulher conduz Simões a um outro motivo temático comum, o erotismo, conseguido através de imagens visuais, como se de uma técnica de escultura se tratasse, da sensualidade expressa pelo tato e até associada a um sentido telúrico.

O último dos blocos aborda os aspetos métricos, considerando o romance dentro da tradição lírica peninsular, portuguesa e castelhana, desde a época medieval até à recuperação da forma poética no século XX. Chega-se à conclusão de que o uso do romance por parte de Manuel da Fonseca se deve ao fascínio de Lorca e ao *Romancero Gitano*. Esta última aproximação teórica fecha um fundamentado estudo sobre os dois poetas, que vem continuar a longa tradição dos estudos comparatistas ibéricos.

Alexia Dotras Bravo

**A NARRATIVA NO MOVIMENTO
NEO-REALISTA: AS VOZES SOCIAIS
E OS UNIVERSOS DA FICÇÃO**

VÍTOR VIÇOSO

Lisboa, Edições Colibri, 2011.

353 páginas, ISBN 9789723716047

O destino e a fortuna crítica de um movimento literário não dependem apenas da qualidade literária dos seus protagonistas e dos seus seguidores. A conformação de um movimento literário enquanto tal carece de distanciamento e de ponderação desapassionada, reapreciando-se aquilo que, no seu tempo próprio, parecia excessivo ou desajustado do quadro de referências culturais que envolviam o aparecimento desse movimento literário. A história do modernismo português e a forma como, contrariando desconfianças e indiferenças, foi ganhando os contornos de período literário reconhecido como tal (uma noção que não deve ser hipostasiada, mas tão-só valorizada pela função heurística que se lhe atribui) é disso um exemplo claro; e não por acaso, foi Fernando Pessoa quem, num texto inserto n’*O Jornal* (a 6 de abril de 1915), citou palavras de Wordsworth, escritas em 1815 a propósito das *Lyrical Ballads*: “Se há conclusão que, mais do que qualquer outra, nos seja imposta pela revista, que fizemos, da sorte e do destino das obras poéticas, é o seguinte: que todo o autor, na proporção em que é grande e ao mesmo tempo original, tem tido sempre que criar o sentimento estético pelo qual há de ser apreciado,